

Artigos

Imagem e identidade de professor: uma construção heterogênea

Maria Silvinha Cararo Martins¹; Celso Jorge Martins²

¹Mestre em Educação, UNIBF.

²Mestre em Letras, SEED-PR.

✉ silvinha.martins2@gmail.com; celsojorgemartins@gmail.com

Palavras-chave:

Imagem de Professor.
Identidade.
Heterogeneidade.

Resumo

Como se constitui a imagem de professor, numa análise do discurso do próprio professor, foi a motivação inicial para a efetivação desta pesquisa. Um grupo de trinta professores, com vínculo em escolas públicas estaduais do noroeste do Paraná, respondeu a um questionário, por meio do qual se procurou basicamente analisar “o que é ser professor”, e de acordo com o discurso (definições e explicitações da prática pedagógica) enunciado por cada um dos participantes da pesquisa, pode-se constituir diversas imagens de professor. Como suporte teórico foram utilizadas as *Concepções de Sujeito* de Stuart Hall, principalmente de sujeito da pós-modernidade, e também o conceito de *Heterogeneidade Discursiva* de Jacqueline Authier-Revuz, considerando o dialogismo Bakhtiniano entre locutor e alocutário e a “ilusão do eu” preconizada por Freud, aplicados na análise dos enunciados presentes nos discursos dos entrevistados. Como resultado, diversas imagens foram postas pelos entrevistados, mantendo as clássicas imagens de professor já consagradas. Por fim, ficou visível a influência de várias concepções pedagógicas do processo ensino-aprendizagem na ação dos professores, ou seja, de diversas vozes permeando os discursos, evidenciando a formação ideológica de educação, existente em cada um deles, entendidas como resultado das condições de produção destes discursos. E ainda, como sujeito da pós-modernidade, os entrevistados mostraram-se possuidores de uma identidade instável e em constante mutação, também entendidas como um reflexo das formações histórico-espacio-temporais na constituição das imagens.

1 OS PRINCÍPIOS DO REFLEXO DO ESPELHO

Ao tratar da imaginação e da mobilidade, Bachelard (2001) afirma que imaginar não se trata de formar imagens, mas sim de *deformar* as imagens fornecidas pela percepção, sendo, antes de tudo, um libertar-se das primeiras imagens, mudando-as, pois “se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante” (BACHELARD, 2001, p.1).

Na constituição da identidade do sujeito, a formação de uma imagem, por meio de um processo de *deformação*, que resulte numa nova imagem, indicando mudança paradigmática, nem sempre foi o percurso da constituição da identidade de um sujeito. Tivemos, ao longo da história do homem moderno, com mais frequência, a reprodução de uma imagem de sujeito já cristalizada historicamente, o que nos leva a pensar sobre as formações de identidades do sujeito e o efetivo processo realizado na pós-modernidade.

Para se compreender o sujeito e a identidade cultural na pós-modernidade é pertinente focar as concepções de identidade de sujeito encontradas em Stuart Hall (2003), que apresenta três distintas identidades do sujeito desde o Iluminismo (séc. XVIII) até a contemporaneidade, discutindo as relações entre identidade e diferença e explorando as relações entre identidade e subjetividade.

Como suporte teórico de análise de discurso, teve-se como referência o dialogismo Bakhtiniano (2017), o qual afirma que toda palavra, por ter sido produzida em meio ao já dito de outros discursos, é sempre habitada pelo discurso do outro, e a heterogeneidade constitutiva da linguagem de Authier-Revuz (2001), que declara que por trás de uma aparente linearidade, da emissão ilusória de uma só voz, outras vozes falam. Também foram utilizadas as concepções de formação de identidade encontradas em Stuart Hall (2003) e de conflito entre identidades postas por Woodward (2000), os quais sustentam e buscam explicar a volatilidade encontrada nos discursos dos sujeitos da modernidade tardia.

Neste enfoque de constituição identitária do sujeito, a imagem do professor, como sujeito da modernidade tardia, construída historicamente pela visão do próprio professor é o tema deste artigo. Por meio de uma investigação dialógica, buscamos explicitar a “identidade de professor” em vigência, num contexto de pós-modernidade, onde imperam (e já demonstram algum abalo) as concepções interacionistas das relações de ensino-aprendizagem.

2 AS VOZES DE UM DISCURSO

2.1 A heterogeneidade constitutiva

Neste seguimento, a abordagem está voltada a demonstração de como se estabelece a heterogeneidade do discurso do sujeito. Iniciamos com a busca da compreensão do conceito de Heterogeneidade Discursiva, que, proveniente dos escritos de Jacqueline Authier-Revuz (1990; 2001), encontramos dois conceitos básicos: o de heterogeneidade constitutiva e de heterogeneidade mostrada, sendo que estes conceitos formam a heterogeneidade do sujeito e do discurso.

Authier-Revuz, ao tratar da heterogeneidade do sujeito, recorre às concepções de Bakhtin e Freud. A concepção do duplo dialogismo, de Bakhtin, é parte fundamental do processo heterogêneo do discurso. Esta concepção Bakhtiniana afirma que o alocutário é um dos constituintes da enunciação juntamente com o locutor, e assim os discursos se constroem na relação com os outros, considerando as suas formações discursivas que se vinculam ao tempo e espaço onde são produzidos.

Para complementar sua concepção de heterogeneidade do discurso do sujeito, Authier-Revuz busca em Freud a concepção de “ilusão do eu”. Freud, ao tratar sobre o sujeito, por meio da abordagem da “ilusão do eu”, afirma que esta propicia ao sujeito uma ilusão de que o seu discurso tem origem centrada em si mesmo e que é a fonte da sua enunciação, não compreendendo que seu discurso nada mais é que uma reprodução de outros discursos oriundos do momento em que vive e do espaço que ocupa. Para Freud o “outro” não é constituído somente pelo alocutário, mas também pelo inconsciente do locutor que se encontra impregnado pelas vozes que o circundam.

Nesta situação, o enunciador, quase sempre, ignora a heterogeneidade presente em seu discurso e acredita ser o dono de sua enunciação. Temos então a “ilusão do eu” quando o sujeito se mostra como o centro da enunciação, crendo que ele é a fonte única de seu discurso, não havendo a lucidez de que o seu discurso nada mais é do que uma possibilidade discursiva, oriunda da interpelação do momento histórico e do espaço em que vive e produz sua enunciação.

Assim, para melhor compreender estas postulações, recorreremos primeiramente ao conceito de Heterogeneidade Constitutiva, formulado por Authier-Revuz, a qual afirma que

Todo discurso é constitutivamente atravessado por “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala) mas uma condição (constitutiva, pela qual se fala) do discurso de um sujeito falante que não é a fonte primeira de seu discurso. (AUTHIER-REVUZ, 1990 APUD BENITES, 2003, p. 12)

A outra concepção que demonstra a heterogeneidade do sujeito, no entanto, com a plena consciência do sujeito, ocorre quando este, além de perceber a presença do outro em sua fala, também faz opção de deixar claro que é o outro que está falando, e assim o faz através de marcas como as citações, aspas e outros recursos. A isto Authier-Revuz (2000, p. 78) denomina Heterogeneidade Mostrada, que Maingueneau afirma corresponder *“a uma presença detectável de um discurso outro ao longo do texto”*.

Esta heterogeneidade mostrada também aparece de forma não-marcada, podendo ser identificada com base em índices textuais diversos ou com a participação do interlocutor ao recorrer aos seus conhecimentos culturais, sempre indicando uma não-coincidência do enunciador com o que ele diz.

Authier-Revuz (2000) propõe, desta forma, uma análise das enunciações de cada discurso, de acordo com as vozes ali presentes, seja esta por meio de uma heterogeneidade constitutiva, reflexo da “ilusão do eu”, ou heterogeneidade assumidamente mostrada pelo locutor.

2.2 Os devaneios da identidade cultural

Ao tratarmos da identidade do sujeito, como suporte teórico, para se compreender a constituição da imagem de professor, recorreremos aos estudos culturais voltados a uma perspectiva de análise da Identidade do sujeito. Estas perspectivas apontam, segundo Stuart Hall (2003), para três concepções de identidade do sujeito. Hall concebe, primeiramente, um sujeito do iluminismo, sendo este indivíduo (in-diviso) totalmente centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e de ação. Impregnado pela máxima de Descartes *“Penso, logo existo”* o sujeito é racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento e da razão, é o sujeito cartesiano.

Uma segunda concepção de Hall traz o sujeito sociológico, que reflete a crescente complexidade do mundo moderno. Este sujeito se conscientiza de que não é autônomo e auto-suficiente, mas é formado por meio das relações com outras pessoas que lhe servem de mediadores no contato com o mundo e a cultura acessíveis a este sujeito. Assim, temos a identidade do sujeito formada por meio da interação entre o eu e a sociedade, preenchendo o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público. Temos, nesta concepção, a identidade do sujeito constituída por uma estrutura social.

O sujeito da pós-modernidade faz parte da terceira concepção de identidade de Stuart Hall, que o concebe como fruto de um colapso de identidade. A visão de um sujeito com identidade unificada e estável, ou como resultado da interação social, dá espaço para que se efetive o surgimento de um sujeito fragmentado, que se compõe, não apenas por uma identidade, mas sim por diversas identidades, às vezes contraditórias e desestabilizadas. A identidade deixa de ser fixa, essencial ou permanente e *“torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”* (HALL, 2003, p. 12-13).

Temos, então, o sujeito pós-moderno, que é definido historicamente, assumindo identidades diferentes de acordo com o momento, num constante deslocamento, não existindo mais um “eu” coerente unificado. Para Hall (2003, p.13), *“a identidade [pós-moderna] plenamente unificada, completa, segura*

e coerente é uma fantasia”. Este sujeito está isento de identidade fixa e permanente, e, por conseguinte está constituído por meio de uma identidade histórica, formada e transformada continuamente.

E assim, por entendermos que a identidade de um sujeito se forma ao longo dos tempos, por meio de processos internos e externos, podemos afirmar que ela não é inata, mas sim, é constituída através das relações intersubjetivas, considerando todos os processos interativos culturais, e as relações espaço-temporais a que este sujeito esteja inserido. Mesmo havendo uma ilusão, instalada no sujeito, de que possui uma identidade própria e acabada, cremos que a identidade está sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação. Para Coracini (2000, p. 150),

“...em vez de falar de identidade com o algo acabado, deveríamos vê-la como um processo em andamento e preferir o termo identificação, pois só possível capturar momentos de identificação do sujeito com outros sujeitos, fatos e objetos. [...] toda identificação com algo ou alguém ocorre na medida em que sua voz encontra eco, de modo positivo ou negativo, no interior do sujeito.”

Mediante estas concepções de sujeito, de formação de identidade, e de heterogeneidade na formação discursiva é que estaremos analisando, na sequência, o discurso de professores quanto a definição do que é ser professor e de como se dá está prática na ação docente.

3 OS CAMINHOS TRILHADOS

Este trabalho de pesquisa busca descrever os traços constitutivos dos discursos dos professores na construção da imagem do professor e, para tal, foi realizada uma interlocução com professores, por meio da qual se buscou basicamente a concepção do que representa “ser professor”, na atualidade, para estes docentes. O grupo participante compôs-se por trinta professores, com experiência no magistério compreendida entre dois e vinte anos, sendo todos pós-graduados e frequentadores de cursos de capacitação e aperfeiçoamento pedagógicos, vinculados ao ensino público estadual e atuando no noroeste do Paraná.

Abordaremos primeiramente as questões da heterogeneidade existente no discurso de cada sujeito e sua não-conscientização quanto a este fato, que remete a concepção de um sujeito multifacetado, constituído por diversas identidades em diferentes momentos e contextos, ou seja, a existência de um sujeito com identidade em constante transformação, sendo isto a segunda abordagem que aqui será explicitada.

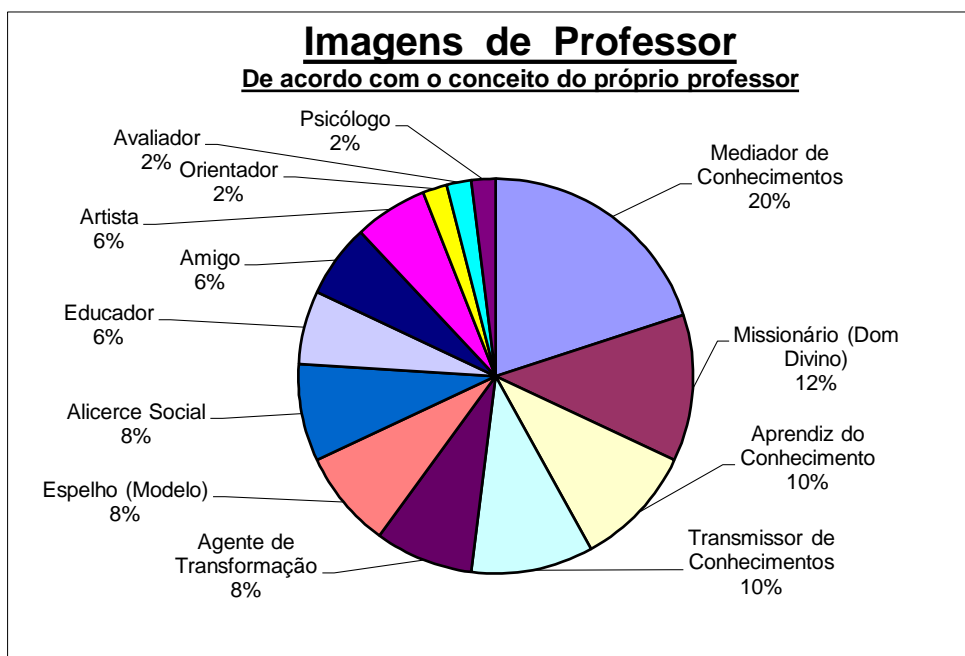
Na sequência, estaremos analisando as diversas concepções de imagem de professor, postas pelos docentes que contribuíram para a efetivação deste artigo, explicitando suas concepções quanto à “o que é ser professor” num contexto de pós-modernidade (início do século XXI). Para encerrar, estaremos realizando as considerações pertinentes ao conteúdo posto pelos docentes e analisados sob a guia das teorias aqui propostas.

4 A IMAGEM QUE ENTÃO SE FEZ

Os dados obtidos por meio de trinta depoimentos de professores foram analisados e pode-se encontrar treze imagens de professor, de acordo com o conceito do que é ser professor (vide gráfico 1), elaborado por cada um dos participantes desta pesquisa.

Pudemos constatar que todos os participantes procuraram dar um significado enfático para o ato de ser professor, demonstrando uma identidade de sujeito e de docente, fato este já previsto ao se considerar a afirmação de Woodward (2000), ao declarar que a produção de significados para os sujeitos e a produção de identidades estão estreitamente vinculados.

Gráfico 1 - Imagens de Professor: de acordo com o conceito do próprio professor



Fonte: Os autores (2020).

A concepção de professor mediador, mesmo tendo a maioria dos pertencentes a este grupo participado de um processo de estudos de fundamentos da educação por mais de cinco anos, aparece somente na conceituação de 20% das respostas e quase sempre de forma objetiva, como “É o mediador da busca do conhecimento”, “É ser um mediador do ensino-aprendizagem”, não deixando claro o que é um processo mediativo. Apenas um professor ampliou o conceito afirmando que “Ser professor é antes de tudo ser educador, que faz a mediação entre conhecimentos/saberes pré-estabelecidos e saberes científicos, agindo interativamente com eles”. Assim, a concepção de mediador pode não estar sendo reproduzida na ação pedagógica, conforme pudemos constatar em análises mais aprimoradas do discurso dos professores e que serão abordadas nos comentários sobre o gráfico 3.

Uma concepção que se mostra influenciada pela pedagogia contemporânea é a de professor aprendiz, estudante, aquele que sempre aprende ao ensinar, e 10% do grupo entrevistado assim se expressou ao definir o que é ser professor, invertendo o principal papel do professor, trocando o ensinar ao aluno pelo aprender com o aluno e com a interação. É certo que, como professor, se aprende bastante no processo da ação docente, mas isto não é o conceito de ser professor.

A concepção de que ser professor é uma missão, um dom divino, é posta explicitamente por 12% dos participantes, demonstrando uma ilusão que remete a condição de professor vocacionado por Deus. Outras imagens “românticas” de professor também são postas, tais como o professor *Amigo* (6%), *Artista do Saber* (6%), *Psicólogo* (2%). Assim sendo, totalizam mais de um quarto das respostas, uma imagem de professor herói, batalhador, envolvido com o aluno, modificador de destinos. Vejamos algumas afirmações:

Ser professor é ser artista do conhecimento e da aprendizagem.

Ser professor é ser inteligente, amigo, prestativo, companheiro, saber compreender e enfrentar barreiras do dia-a-dia.

Ser professor é um dom de Deus, com muita paciência e amor, sempre procurando entender o próximo com muita inteligência e amizade, nunca pensando em muitos casos ser recompensado.

Ser professor é exercício de amor, paciência, dedicação, é um dom gracioso de Deus.

Ser professor é a mistura de todas as profissões existentes, é ser psicóloga, médica, malabarista, etc e acima de tudo Amiga. É uma profissão que você dá tão pouco e o que você recebe é enorme.

Nota-se uma idealização do professor como o sensibilizador (artista), o resgatador e condutor do ser (amigo), o solucionador de problemas sociais e físicos (psicólogo, médico), o escolhido por Deus e doador de si (missionário), e ainda nunca pensando em recompensas, dando pouco e recebendo muito, isto tudo pode ser resumido na figura do herói que tem a missão de atender o aluno na plenitude de suas necessidades diante de um processo de formação e transformação do ser.

Essa mistura de herói e missionário pode ser atribuída a concepções tradicionais da imagem do professor vocacionado (do latim *vocare* = chamar), ou seja, chamado ao exercício do magistério, geralmente por Deus, e responsável pela construção social dos seus educandos.

Contribuindo também para esta concepção de professor herói, encontramos em 8% dos entrevistados a imagem de professor *Espelho*, sendo o modelo a ser seguido pelos seus alunos. Temos declarações como “*É o espelho de uma sala de aula*”, “*O espelho de nossos educandos*”, “*É quem serve como exemplo*”, reforçando a imagem de um mestre com missão divina na condução de seus seguidores.

E, como ápice desta concepção, encontramos em 8% dos entrevistados a imagem de professor como Alicerce Social, ou seja, como construtor da base de toda a sociedade, como vemos nas afirmações: “*Professor hoje em dia é alicerce familiar, social e educacional*”, “*Ser alicerce para a base de formação de qualquer cidadão*”, “*Alicerce de uma sociedade*”. No entanto, é bastante óbvio que uma base social perpassa por diversas instâncias, tais como questões sociais, econômicas, financeiras, políticas, familiares, religiosas, culturais, interculturais, sanitárias, sendo a educação formal escolar também uma destas questões e não a questão em si. Pressupor que a função de docente possa ser a base da constituição de um sujeito é um pensamento reducionista em se tratando de estudos sócio-culturais.

Reunindo as concepções de professor *missionário, espelho, alicerce social, artista e psicólogo*, as quais remetem a imagem de professor herói missionário, numa pedagogia de redenção social, encontramos 42% das respostas obtidas, o que nos leva a crer num vestígio ainda muito presente da educação jesuítica, onde a função do professor era catequizar, evangelizar, não sendo vista como uma profissão, mas sim como uma missão.

A concepção de professor como aquele que transmite conhecimentos foi constatada em 10% das entrevistas, posta de forma clara e assumida, como em afirmações do tipo “*É um transmissor de conhecimentos, de idéias*”, “*Para mim, professor é alguém que transmite aprendizagem*”, “*Ser professor é passar aos demais um conhecimento*”. Temos a construção de uma imagem de professor que detém o saber, conhece o conteúdo a ser ensinado, e, por fim, transmite aos seus alunos este conhecimento. É o mestre que repassa aos discípulos todo o seu saber.

O professor como agente de transformação é posto por 8% dos entrevistados, no entanto ao comentarem esta concepção, a afirmativa não se sustenta, ficando claro duas posições: professor como transformador do sujeito e como formador do sujeito, encontradas em afirmações do tipo: “*É o profissional responsável pela formação do educando como um todo*”, “*É o agente de transformação*”; ficando postas as duas possibilidades.

Voltada às concepções da pedagogia moderna, aparecem o professor *Educador* (6%), *Orientador* (2%), *Avaliador* (2%), numa profusão de funções, como podem ser vistas nas declarações: “*Professor é educador*”, “*Ajuda, orienta seus alunos*”, “*Estar atento às respostas dos estudantes, após a explanação*

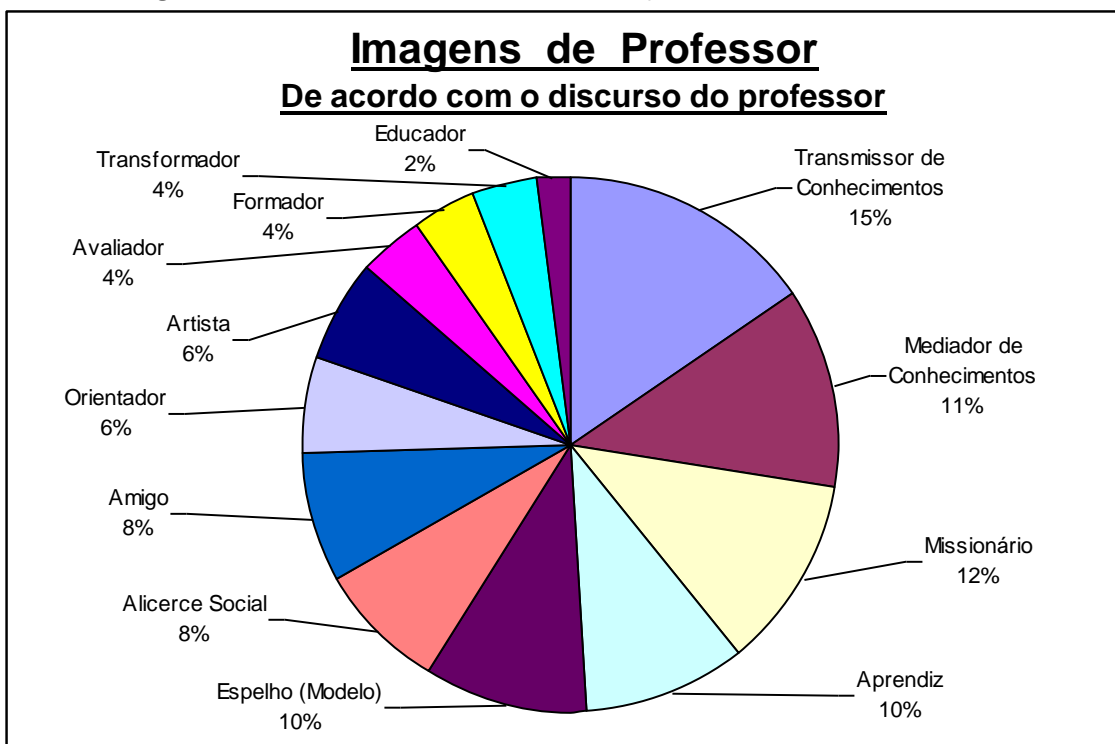
do conteúdo”. Temos o professor posto como um educador que conduz o saber e acompanha a aprendizagem do educando.

Ao levantarmos estas treze concepções e suas frequências nos discursos dos professores, pudemos constatar que a grande maioria deles demonstraram mais de uma concepção, ficando visivelmente explicitadas quando se comparou a definição do que é ser professor com o relato da prática pedagógica.

Temos assim, na constituição da identidade de professor, a visível fragmentação do sujeito que demonstra estar constituído por diversas concepções, às vezes até mesmo contraditórias, sendo um processo em constante formação, conforme afirma Hall (2003, p. 38) “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes... Ela permanece sempre incompleta, está em processo, sempre sendo formada”.

Num segundo momento, por meio de uma leitura do “não-dito”, apoiados nas não-coincidências do dizer (Authier-Revuz, 2001), presentes nos discursos dos professores, pudemos agrupar as respostas novamente e as concepções de professor tiveram algumas alterações, diante das explicações de cada afirmação, como vemos no gráfico 2:

Gráfico 2 - Imagens de Professor: de acordo com o discurso do professor



Fonte: Os autores (2020).

Nesta nova leitura tivemos uma significativa alteração nos percentuais de algumas concepções. Dos 20% que afirmaram que ser professor é mediar o processo de ensino-aprendizagem, apenas metade destes mantiveram esta concepção em seus discursos. Por outro lado, os 10% que assumiram acreditar que ser professor é transmitir conhecimentos pudemos encontrar mais outros que apesar de não afirmarem explicitamente, deixaram claro, pelo discurso, a função primordial de transmitir conhecimentos, elevando este número para 15% dos entrevistados.

Dos 6% que disseram que ser professor é ser um educador, apenas 2% destes mantiveram este discurso nos comentários, sendo os demais (4%) incluídos como transmissores de conhecimentos.

Também como agentes de transformação que 8% disseram ser a função primordial do professor, no discurso se encontrou a imagem de formador de sujeitos em metade destes (4%) e na outra metade a imagem de transformador de sujeitos (4%).

Outras concepções se mantiveram no discurso inicial e nas argumentações, tais como *Missionário*, *Aprendiz*, *Alicerce Social*, *Amigo*, *Artista*, *Espelho* (com pouca variação), levando-nos a crer que a maior discrepância está naqueles que acreditam ser mediadores e transmissores de conhecimentos.

Outro aspecto que não ficou claro a maioria dos entrevistados, ao se conceber o que é ser professor, é a função principal do professor em uma sala de aula, e por não saber defini-la ou situá-la, funções periféricas passam a tomar o centro do papel do professor, ou como o herói missionário ou como o educador que mistura mediação com orientação, avaliação, formação e transformação do sujeito.

Na busca de uma identidade que possa nortear o fazer do professor, vemos que cada qual focaliza aquilo que lhe é mais substancial em termos de conhecimentos pessoais e didático-metodológicos, deixando evidente a formação subjetiva interferindo na prática pedagógica.

O professor, como sujeito da pós-modernidade, em constante construção, portando multifacetado, reflete na sua prática a sua identidade do momento, o que pode ser visto na diversidade de concepções de professor afloradas nesta pesquisa. cremos que contribui para este esfacelamento de concepções a multiplicidade de componentes na formação identitária do professor. Nesta visão, Marin (2003, p. 67) afirma que

A identidade deve ser vista como contingente, ou seja, ela é produto de interseção de diferentes componentes, das histórias particulares ou das famílias, dos discursos culturais, das imposições familiares, das condições materiais e não-materiais da cultura aos quais se referiam.

Fica evidente que a marcação da diferença é a base da cultura docente, pois professoras em geral e seu trabalho ganham sentido por meio da atribuição de diferentes posições em relação a si próprias e aos demais. Não é possível pensar em concepção uniforme daquilo que é ser professor. O que existe são tendências constatadas principalmente pela prática pedagógica de cada professor.

Vozes diversas puderam ser identificadas nos discursos dos professores, as quais estão postas como constitutivas do próprio discurso de cada um dos entrevistados. Somente para ilustrar citamos:

É aquele que além de desconstruir, ensina o aluno a aprender a aprender.

É o mediador do conhecimento entre o que o aluno já sabe e o que deve saber.

Ser professor é contribuir para uma prática pedagógica satisfatória, levando ao progresso do aluno, escola e comunidade.

Numa análise da heterogeneidade constitutiva do discurso, podemos encontrar, nestes enunciados dos professores, a presença da *Desconstrução* de Derrida, dos *Quatro Pilares da Educação* de Jacques D'Elors, bem como das políticas públicas educacionais (PCN, Diretrizes Curriculares). Também vemos evidências do *Construtivismo* de Piaget e do *Interacionismo* de Vigotski, e também do *Positivismo* de Comte e da integração entre *Escola e Comunidade* de Bernard Toro e César Coll.

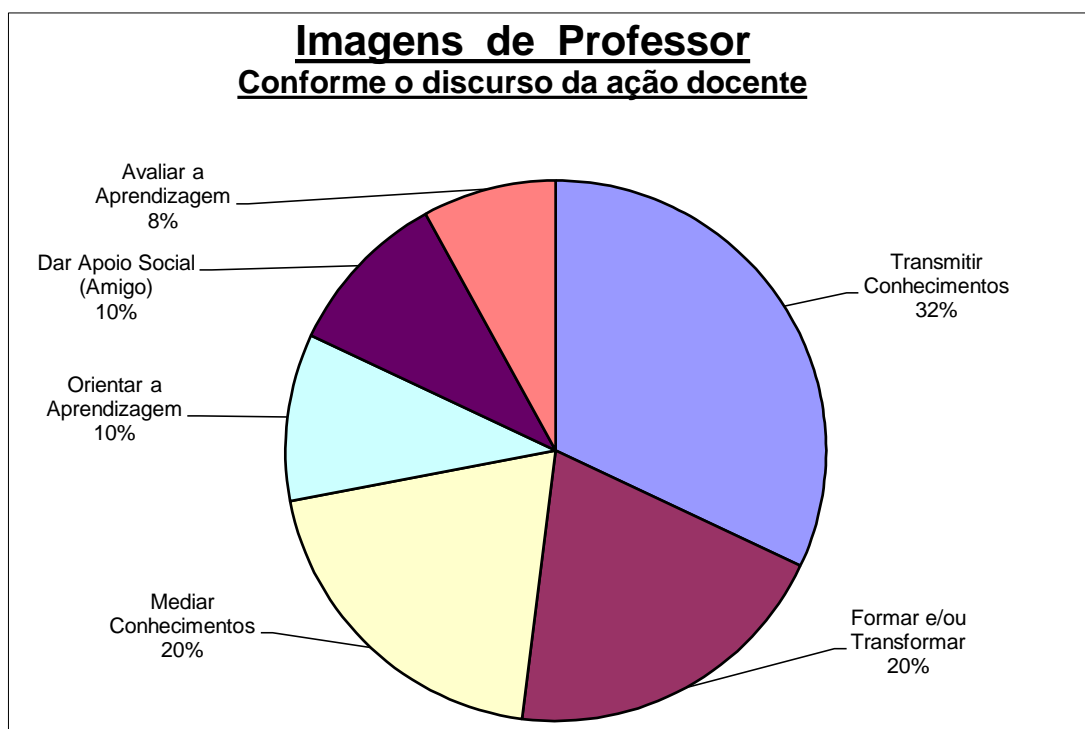
Outras vozes puderam ser facilmente identificadas nos discursos dos entrevistados, onde os enunciados refletem outros enunciados já ditos anteriormente, demonstrando a heterogeneidade

discursiva posta por Authier-Revuz e também ficando claro a incorporação deste discurso como se fosse criação própria, numa evidência da “ilusão do eu” postulada por Freud.

A heterogeneidade mostrada também apareceu nos discursos dos professores, principalmente com o uso de recursos como aspas e parênteses, conforme constatamos nestes enunciados: “Professor é o ‘mediador’ da aprendizagem”, “Formar ‘seres humanos’”, “Professor é uma missão (Dom de Deus)”.

Considerando estas características da formação discursiva, pelas quais discursos atravessam outros discursos e se fundem constituindo outros discursos, fizemos uma terceira leitura das respostas dos entrevistados, relevando somente as afirmações que remetiam as práticas em sala de aula e pudemos elaborar um terceiro gráfico, como segue:

Gráfico 3 – Imagens de Professor: conforme o discurso da ação docente



Fonte: Os autores (2020).

Verificamos uma redução de concepções de professor, podendo agora ser agrupadas em seis conjuntos. Com ações que levam a uma prática de transmissão de conhecimentos para o educando e/ou formação ou transformação do educando encontramos mais da metade das ações pedagógicas. Ficando evidente que a concepção que mais vigora remete a uma imagem de que o professor é quem detém o conhecimento e o aluno vem buscá-lo. O professor é o mestre e o aluno o discípulo aprendiz. A forma de se ensinar e de se aprender é pelo processo de transmissão de um para o outro.

Uma concepção de professor preocupado em orientar e/ou avaliar a aprendizagem, responde por quase um quinto das ações do professor no processo ensino-aprendizagem, estando estes numa fronteira entre uma mediação e uma simples transmissão de conhecimentos, no entanto sempre envolvendo algum processo de interação nas relações entre o professor e o aluno na ação docente.

O professor mediador pode ser encontrado na prática de um quarto dos entrevistados, sempre mantendo as concepções de um sócio-interacionismo, combinado concepções Piagetianas e Vigotiskiana, mas fiel a uma função de professor como o agente mediador entre o que o aluno já sabe e aquilo que é necessário que ele saiba, conforme os objetivos delineados pela educação formal.

E ainda, um décimo dos entrevistados, mantém em sua prática pedagógica, como objetivo magno, a função de dar apoio social ao educando, servindo de amigo, ouvidor e conselheiro, podendo sua prática ser resumida em um “solucionador” dos problemas pessoais dos alunos. Assim conduz os conteúdos escolares, direcionando a aplicabilidade dos conhecimentos desenvolvidos em suas aulas para a melhoria específica das relações sociais do sujeito com a sociedade e consigo mesmo.

Temos, por fim, como agente da prática pedagógica, a imagem predominante (52%) de um professor que transmite/repassa conteúdos a um aluno que assim os recebe passivamente, e de dois grupos menores de professores que constituem, um deles (20%) a imagem de professor mediador do conhecimento por meio de práticas interacionistas, e outro grupo (28%) que conduz (orienta, avalia, apóia) o educando esforçando-se também para que haja uma participação do aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Mesmo reduzindo-se para seis as imagens de professor, continuamos a constatar uma mobilidade nos discursos dos professores. A celebração móvel do sujeito pós-moderno é claramente constatada na constituição da identidade de cada professor, ficando explícito a influência dos sistemas sócio-culturais que rodeiam a cada um deles.

5 E POR FIM, O ESPELHO ASSIM REFLETIU...

Descrever os traços constitutivos dos discursos dos professores na constituição da imagem de professor foi posto como o objetivo principal deste trabalho, considerando as concepções de sujeito de Stuart Hall, e de heterogeneidade discursiva de Jacqueline Authier-Revuz, que, por sua vez, revisitou Bakhtin e Freud.

Para este intento, o pensamento de formação de imagem, tendo como caminho a deformação de uma imagem mediante a percepção do mundo, concebido por Gaston Bachelard, também encontrou eco neste estudo de constituição de imagem de professor, pois, como conhecedores que somos da volatilidade da identidade do sujeito da pós-modernidade, buscamos analisar as mudanças de imagens, fusão de imagens, enfim a ação imaginante.

A concepção de Hall de sujeito pós-moderno fragmentado, multifacetado e em constante formação reflete nesta ação imaginante, ou seja, no processo de formar, deformar e transformar, pois

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros. (HALL, 2003, p. 39)

Por assim ser, as análises dos discursos dos professores puderam confirmar esta mobilidade e falta de completude na constituição da identidade. O professor demonstrou todas as características do sujeito da pós-modernidade, buscando fixar uma identidade como forma privilegiada de ser incluso em um grupo identitário, no entanto sem uma preocupação de manter esta identidade, demonstrando até mesmo contrariedades sincrônicas.

Ao buscamos um entendimento da constituição da imagem de professor, também nos utilizamos da análise da formação discursiva dos participantes da pesquisa ao descreverem a prática pedagógica. E assim pudemos encontrar uma multiplicidade de vozes que permearam os discursos.

Esta abundância de vozes na constituição da imagem de professor pode ser concebida, de acordo com esta pesquisa, como o resultado dos múltiplos discursos pedagógicos, difundidos nas últimas décadas,

estando estes discursos presentes na legislação educacional, e também presentes em literaturas de fundamentação pedagógica de recentes publicações e dos periódicos educacionais mais populares.

Outro aspecto também a ser considerado é a característica de movimento e deslocamento de identidade do sujeito, inerentes à pós-modernidade, que muito contribui para a constituição da imagem de professor.

Se o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, mas é constituído por diversas identidades, de acordo com o contexto sócio-histórico-temporal. A identidade do professor não se afasta desta concepção, como pudemos verificar ao analisarmos os enunciados de cada discurso dos entrevistados. Assim, o caráter das condições de produção destes discursos, nesta análise, revelou-se como sendo o fator primordial na constituição das imagens de professor que aqui pudemos constatar.

E, por fim, embasados na presença do contexto nas condições de produção do discurso e também na presença de outros discursos em um discurso, temos as imagens de professor aqui constituídas, que poderão ser revistas e reconstituídas continuamente por cada um dos entrevistados, mas que, neste momento, assim se manifestou. Pois ficou posto (Hall, 2003) que estas imagens não são algo fixo e permanente, mas sim algo em constante mudança, num processo contínuo de formação e transformação, considerando a historicidade e a temporalidade e as formas como cada sujeito é culturalmente representado ou interpelado.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas, SP, n. 19, p. 25-42, Jul/Dez, 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2001.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BENITES, Sônia A. L. **O professor de português e seu discurso**. In LEFFA, Wilson J. (Org.) A interação na aprendizagem de línguas. Pelotas: Educat, 2003. p. 7-26.

CORACINI, Maria José R. F. A escamoteação da heterogeneidade nos discursos da linguística aplicada e da sala de aula. **Letras**, Santa Maria, RS, n. 14, p. 39-63, Jan./Jun. 1997.

CORACINI, Maria José R. F. Subjetividade e identidade do professor de português (LM). **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, n. 36, p. 147-158, Jul./Dez. 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. 1. reimp. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2000.

MARIN, Alda Junqueira. **Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade**. In TIBALLI, Elianda F. Arcantes & CHAVES, Sandramara Matias (Org.). Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.